

Convívio no Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre

Raquel Purper (CAPES)

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFRGS.

Mestrando - Orientador: Prof. Dra. Sílvia Balestreri Nunes; Co-orientador: Prof. Dra. Mônica Dantas

Bolsa CAPES

Resumo: A pesquisa reflete sobre as relações entre o coreógrafo e o dançarino no processo de elaboração de espetáculos de dança contemporânea, buscando a compreensão do papel que cada um destes artistas desempenha no trabalho de criação. A análise tem por base empírica um estudo de caso desenvolvido a partir de observações realizadas pela autora, a qual participa do processo de criação como dançarina, entrevistas e registros audiovisuais. Serão entrevistados os criadores dos espetáculos intitulados *Eu Me Faço Simples Por Você* (2008) e *Alguma Coisa Acontece* (2009): o coreógrafo Airton Tomazzoni e quatro dançarinos participantes dos dois espetáculos, integrantes do Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre.

Palavras-chave: processo de criação; coreógrafo; dançarino

Minha pesquisa pretende compreender as relações entre o coreógrafo e o dançarino no processo de criação em dança contemporânea, mais especificamente nos processos de elaboração dos espetáculos “Eu Me Faço Simples por Você” e “Alguma Coisa Acontece”, do Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre, do qual faço parte desde 2008. O Grupo pertence à Escola Livre de Dança, criada, em 2007, pelo Centro de Dança da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Este espaço vem, há três anos, oferecendo aulas gratuitas dos mais diversificados tipos de dança com o intuito de proporcionar formação a dançarinos, atores, artistas plásticos, artistas de circo e artistas que, em geral, desejem aprofundar o conhecimento em dança. O coreógrafo Airton Tomazzoni explica o objetivo inicial da Escola:

A idéia era de abrir tanto um espaço para formação em dança e para a experiência artística, como também para a política pública em dança, algo que ultrapassasse a mera realização de eventos. Ao lado disso, acreditávamos no estabelecimento de um espaço para o encontro, para a troca e para a convivência. (TOMAZZONI, 2009)

Foi assim que nasceu o Grupo Experimental, com a proposta de formação gratuita, intensiva e complementar, buscando ser um espaço valioso de encontro. Os alunos puderam contar com aulas de artistas/professores com formação em práticas diversas como, por exemplo: Eva Schul, Jussara Miranda, Tatiana da Rosa, Cibele Sastre, Luciane Coccaro, Luciana Paludo, Alexandre Rittman, Daggi Dornelles, Karenina de los Santos, Sílvia Canarim, Liane Venturella, Carlos Nunes, Bia Diamante, Didi Pedoni, Andrea Spolaor, Alessandra Chemello, Juliana Vicari, Fernando Faleiro, entre outros. E, segundo Tomazzoni, foi assim que, no programa pedagógico do projeto, buscou-se congregiar conhecimentos, incluindo aulas de dança moderna, educação somática, improvisação, balé, capoeira, dança de rua, jogos teatrais, Laban/Bartenieff. Além das

diversas aulas oferecidas na Escola, temos também o ateliê de composição coreográfica, ministrado pelo coreógrafo Airton Tomazzoni. O ateliê é o lugar onde são produzidos os espetáculos do Grupo Experimental de Dança. Desde 2008, tenho participado dos processos de criação, o que me levou, posteriormente, em 2009, a transformá-los em meu objeto de pesquisa de mestrado, por apresentarem, cada um a seu modo, uma proposta singular de experimentação e por se mostrarem um espaço democrático de criação.

Este texto pretende refletir sobre o convívio no Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre, mais especificamente nos dois processos de criação de que participei e que, de alguma forma, caracterizaram de modo diferente cada um deles e seus respectivos espetáculos. Processos de criação envolvem coletividade. Então, esta rede de criação envolve a convivência de indivíduos em permanente troca. Conviver significa perceber, compreender, criar intimidade, ser cúmplice. O crítico teatral e historiador argentino Jorge Dubatti (2008) reflete sobre o conceito de convívio, percebendo que nosso comportamento sofre alterações em uma reunião, já que se estabelecem vínculos e afetações conviviais, incluindo os não percebidos ou conscientizados. O autor explica que o convívio multiplica a atividade de dar e receber a partir do encontro, diálogo e mútua estimulação. Dubatti (2007) acredita que o convívio implica em estar com os outros, mas também consigo mesmo. O autor explica que o foco está no diálogo das presenças, na conversação, no reconhecimento do outro (alteridade) e de si mesmo, no afetar e deixar-se afetar no encontro.

O fato de pertencer a um grupo de dança já é um indício de disponibilidade para criar em conjunto. A idéia de uma experimentação criadora faz com que os processos de criação se tornem também uma busca por refazer a si mesmo, através da compreensão da potência existente nas relações que se estabelecem com os outros e até consigo mesmo. Ter o poder de afetar e também se permitir sentir os afetos, intensificar os encontros. Dubatti percebe que “a relação do artista consigo mesmo na cena implica na escuta e no grau de consciência de si mesmo na atividade convival como formação de subjetividade” (2007, p. 56). Ou seja, a percepção de si mesmo pode também ser consequência da escuta que o artista desenvolve ciente de que participa de um processo coletivo, de que a subjetividade individual pode ser construída através do convívio, dos afetos e dos encontros.

O processo de criação do espetáculo “Eu Me Faço Simples Por Você” estava repleto de novidades para mim e uma delas foi a surpreendente sensação de pertencer a um Grupo no qual o convívio consistiu em um fator determinante para a trajetória que o espetáculo trilhou. No ano de 2008, havia duas turmas fixas. Uma turma que fazia aula pela manhã e a outra turma, a minha, que freqüentava as aulas do turno da tarde. Os alunos faziam as aulas sempre juntos. A convivência diária despertou uma cumplicidade, desenvolveu um entrosamento, criou uma

conexão que pôde ser aproveitada tanto para o trabalho de criação quanto para as apresentações. Foram cinco apresentações e cada uma delas tinha algo diferente. Adaptamos o espetáculo para ser apresentado na rua, retiramos o vídeo para apresentá-lo em um ginásio em uma cidade do interior do RS, remontamos cenas devido à saída de dançarinos, ou seja, muitas transformações para que pudéssemos continuar nos apresentando. A disponibilidade e vontade dos dançarinos e do coreógrafo foram essenciais para esta continuidade. Acredito que isto ocorreu devido a uma boa convivência, entendimento e confiança entre os participantes do Grupo durante o processo de criação, pois mesmo com a própria saída de integrantes, o Grupo, ao invés de se sentir enfraquecido, parecia que se revitalizava.

O espetáculo “Alguma Coisa Acontece”, produzido pelo Grupo em 2009 foi baseado na composição em tempo real e contou com a percepção e atenção dos dançarinos para o momento presente. Esta forma estética de apresentação foi definida ao longo do ano, através de muitos experimentos. Cada dançarino criou uma partitura de seis movimentos, a qual foi chamada de “a caixa de brinquedos” de cada um. O espetáculo aconteceu ao som de músicas aleatórias colocadas pelo coreógrafo, as quais os dançarinos não conheciam previamente. Cada um tinha a sua caixa de brinquedos para brincar e era este o ponto de partida. Sabe-se que nenhuma obra é a mesma a cada apresentação e das interferências externas que acabam por interceder no momento da apresentação. Mas nesta encenação, que foi apresentada uma única vez, em dezembro de 2009, aconteceu uma composição em tempo real nos cinquenta minutos em que estivemos no palco e ela nunca se repetirá, mesmo se quiséssemos apresentá-la outras vezes. Era como se estivéssemos em um jogo: os dançarinos precisavam estar mais alertas do que nunca, porque era preciso saber a hora exata de entrar em campo, o tempo certo de permanecer nele e também a hora em que se deveria sair. Saber entrar, mostrar o seu jogo e também sair e dar espaço para o outro jogar. Um espetáculo improvisado que precisava ser dinâmico. Um exercício desafiador e complexo que exigiu muito trabalho durante o percurso de criação.

Como mencionei anteriormente, a turma que compunha o Grupo Experimental de 2008 fazia aulas, todos os dias, em conjunto, no mesmo horário. Já a turma que formava o Grupo Experimental de 2009, fazia aulas em diversos horários, às vezes em conjunto, às vezes não. A Escola Livre de Dança teve, em 2009, muita procura de alunos. Neste sentido, houve uma ampliação da carga horária e foram disponibilizadas mais aulas e em todos os turnos. Ou seja, os dançarinos que participavam do Grupo podiam nunca se encontrar em outras aulas, somente no dia do ateliê de composição. Acredito que este dado influenciou no processo de trabalho, pois a cumplicidade entre os dançarinos ao longo dos dois processos de criação de que participei foram diferentes e tiveram conseqüências no resultado final. No meu modo de perceber, a “composição em tempo real” que realizamos em 2009 necessitava de uma percepção muito aguçada entre os

dançarinos, uma maturidade como grupo. O grupo de 2009 não era o mesmo de 2008. Permaneceram apenas quatro integrantes, os quais já haviam convivido juntos o ano precedente inteiro. Preciso ressaltar que a questão de um bom convívio e uma intensa conexão entre os dançarinos não é uma receita para que aconteçam situações interessantes em um espetáculo, mas pode ser um fator de grande auxílio para que uma rede de relações intensa existente na cena possa ser percebida pelo público. Reforçando esta idéia, Dubatti (2007) revela que os vínculos que se estabelecem dentro de um grupo de artistas e que ele denomina de “códigos internos” afetam os espectadores. Acredito que os afetos são sentidos, primeiramente, dentro do grupo e que este vínculo gera, conseqüentemente, uma rede de “afetos” com os espectadores.

Os processos de criação do Grupo Experimental são, de fato, experimentos e, em cada um deles, foi possível vivenciar diferentes tipos de relações entre os integrantes. Percebo que o convívio diário entre os dançarinos do Grupo auxilia na elaboração de um espetáculo, pois desenvolve uma escuta ampliada entre os corpos que dançam, no entanto o fato de um grupo somente se encontrar uma vez por semana e ter como desejo elaborar um espetáculo baseado em uma “composição em tempo real”, consiste em um enorme desafio. Faço parte de um grupo de dança que experimenta processos e, por isso, acredito que, a cada ano, quanto mais desafios são propostos, mais conhecimento pode ser produzido. É importante que os processos de criação do Grupo não se prendam a uma fórmula, e que o coreógrafo Airton Tomazzoni continue sempre, através de sua sensível escuta, provocando e despertando os corpos dos dançarinos para diferentes experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUBATTI, Jorge. *Cartografia Teatral: introducción al Teatro Comparado*. Buenos Aires: Atuel, 2008.

DUBATTI, Jorge. *Filosofia del teatro 1: convívio, experiência, subjetividad*. – 1ª ed. – Buenos Aires: Atuel, 2007.

TOMAZZONI, Airton. *Grupo experimental de dança da cidade: exercício de compartilhar*. 2009. Disponível em: <<http://idanca.net/lang/pt-br/2009/10/22/grupo-experimental-de-danca-da-cidade-exercicio-de-compartilhar/12887>> Acesso em: 20 jul. 2010.